

## EDITORIAL

Os últimos anos deste século que chega ao seu fim mostram um enorme desenvolvimento científico-tecnológico da humanidade. Coisas que até há poucos anos considerávamos “objetos imaginários” são uma realidade que rapidamente se incorpora à vida quotidiana. A comunicação entre as pessoas, possibilitada pela utilização do telefone móvel, os microcomputadores pessoais, a Internet, povoa a realidade de muitas famílias.

O conhecimento do genoma humano, a biotecnologia, a química fina, os instrumentos de diagnóstico e tratamento das doenças, evoluem de maneira incessante, ao ponto em que os produtos que utilizamos hoje têm período de sobrevida extremamente breve e são rapidamente substituídos por outros mais avançados.

Ao mesmo tempo que esta frenética revolução permanente acontece, aprofunda-se a brecha entre regiões ricas e pobres e entre países ricos e os que não o são.

Hoje, os mais favorecidos, antes 20%, são menos, 8%, e este pequeno percentual acumula 80% do PIB; antes, abarcava 50%.

Dezenove milhões de crianças morrem anualmente por doenças evitáveis; dessas, dez milhões morrem por desnutrição, em todo o mundo, particularmente nos países pobres.

A maioria dos habitantes deste planeta nunca foram assistidos por um médico, ou sequer viram uma equipe de saúde. Contrasta cada vez mais o subdesenvolvimento com o progresso científico-tecnológico, o que não é casual.

Os países ditos “centrais” vem há muito tempo fazendo uma aposta na tecnologia; as indústrias dos medicamentos são, depois das grandes empresas petrolíferas, as indústrias mais rentáveis. A tecnologia médica é também uma fonte privilegiada de lucros e investimentos.

A pesquisa está muito condicionada ao desenvolvimento destas indústrias. Há muito dinheiro para pesquisas tecnológicas de ponta. O montante que se investe em AIDS é muitíssimo maior do que se investe para melhorar a nutrição dos desfavorecidos; a primeira mata perto de um milhão e meio de pessoas por ano, e a segunda, mais de dez milhões.

Que fique claro que nestas linhas não se está propondo que o desenvolvimento científico-tecnológico se detenha. Nem mesmo que ande

mais devagar, apenas queremos chamar a atenção dos pesquisadores para um fato real.

Temas como as melhores formas de cuidar da população, a pesquisa sobre educação para a saúde, modelos de gestão democrática na saúde, de eficiência na utilização dos recursos, as diversas formas de distribuição de um fenômeno na população, as formas de promover o desenvolvimento humano auto-sustentável são, na minha modesta opinião, grandes temas, sobre os quais sabemos atualmente muito pouco, e que podem melhorar as condições de vida da nossa população.

Todos sabemos que os fenômenos sociais condicionam e determinam os fenômenos biológicos. Quase todos temos em nosso organismo o bacilo de Koch, mas poucos desenvolvem a enfermidade tuberculose. O sarampo é uma enfermidade relativamente benigna nas classes mais favorecidas, e uma doença grave nas populações carentes.

Como atuam as condições sociais para provocar doença? Imunidade? Estresse?

Muito pouco sabemos e muito menos pesquisamos.

Parece que o conhecimento e a pesquisa seguem a mesma distribuição da acumulação do capital. As “modas” estão reguladas pelo poder e o dinheiro, também nas ciências da saúde.

Trabalho científico valorizado é aquele publicado em revista de fala inglesa, sendo de muito menos valor quando em português ou espanhol. Sempre pensamos que na Boston da Harvard University não há muito interesse pelas condições de vida do município de São José do Norte. Salvo se uma doença aqui gerada possa vir a semear pânico no hemisfério norte.

Assim, gostaríamos de conclamar todos os pesquisadores para juntos promovermos uma reflexão muito séria sobre os frutos de nosso trabalho, sobre as necessidades de saúde da nossa população, sobre nossa perspectiva histórica.

Do contrário, algum dia desses seremos cobrados pelas nossas orientações, e pelo que não fomos capazes de fazer em benefício do desenvolvimento humano auto-sustentável deste longínquo, solitário e pauperizado extremo sul do país.

Prof. Dr. Jaime Bech  
NEAS-FURG